A REPRESENTAÇÃO DO VELHO BAIRRO DA RIBEIRA NO SÉCULO XXI:
UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO DISCURSO NO DESEJO DE PRATICAR O CENTRO HISTÓRICO DE NATAL-RN

THE OLD NEIGHBORHOOD REPRESENTATION OF RIVERSIDE ON THE 21 CENTURY:
A STUDY OF THE INFLUENCE OF DISCOURSE ON THE DESIRE TO PRACTICE THE HISTORIC CENTER OF NATAL-RN

v. 8, n. 1 [12]
Jan/Abr (2016)

Artigo

Anna Gabriella de Souza Cordeiro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
gabriellacordeiro@hotmail.com

Resumo

Quando se coloca a conservação do Patrimônio Histórico como problema a ser estudado e discutido, faz-se necessário avaliar o sentimento de perda de um cotidiano que ficou para trás e foi substituído, embora não sem traumas para a continuidade histórica e social da cidade. Tendo a cidade como objeto de percepção de seus habitantes, aborda-se o desejo como indutor das práticas urbanas e a representação social como indutora do desejo. Portanto, para realizar um estudo sobre a percepção da cidade é necessário entender a sociedade que a compõe, que é tão importante quanto o ambiente construído. Nesse sentido, o discurso pode auferir diversas percepções e apropriações, sejam positivas ou negativas, da cidade em suas várias nuances. Destarte, objetiva-se analisar o discurso que aborda o bairro da Ribeira, em Natal-RN, produzido no século XXI pela mídia impressa potiguar, representada aqui pelos jornais: Tribuna do Norte, Diário de Natal e Novo Jornal, com o intuito de verificar se a representação do bairro contida nos textos afeta o desejo de praticar o espaço. Pretende-se ainda investigar o discurso sobre a Ribeira com o intuito de verificar se ele enquadra o bairro na percepção dos lugares malditos.

Palavras-chave

Representação. Desejo. Práticas Urbanas. Bairro da Ribeira. Patrimônio.

Abstract

By the time we place the preservation of historical heritage as a problem to be studied and discussed, we must evaluate the sense of loss of a daily life that was left behind and replaced, though not without trauma to the social and historical permanence of the city. Having the city as an object of perception of its inhabitants, we broach the subjective of desire as an inductor of the urban practices as well as social representation as an inductor of desire. Therefore, to conduct a study on the perception of the city, it is necessary to understand the society that makes it up, which is as important as the built environment. In this sense, the discourse can have different perceptions and appropriations, whether positive or negative, of the city in its various nuances. Thus, the objective is to analyze the discourse that works up the Ribeira neighbourhood, in Natal-RN, produced in the twenty-first century by print media, represented here by newspapers: Tribuna do Norte, Diário de Natal and Novo Jornal, in order to verify if the representation of the neighborhood stated in the texts affects the desire to pratice the space. Another objective is to investigate the discourse on Ribeira in order to check if it fits the neighborhood in the perception of damned places.

Keywords:

Representation. Desire. Urban Practices. Ribeira Neighbourhood. Heritage.

Introdução

O processo de degradação dos centros urbanos é um fenômeno comum a várias cidades do Brasil e do mundo. Destarte, o estudo desse fenômeno tem despertado a curiosidade de muitos estudiosos e se configurado como uma temática atual, já que vários problemas ainda permanecem nesses espaços. Os centros urbanos são ícones que contam a história das cidades, por esse motivo, além do seu valor econômico enquanto solo urbano, eles também são detentores de um caráter simbólico/histórico. Então, a conservação desses espaços, tende a ser de suma importância para a manutenção da memória urbana.

Por ser resultante das práticas humanas, a cidade é imbuída de signos, para Barthes, é "uma inscrição do homem no espaço" (1985, p. 182). Ao praticar esses espaços, a sociedade se apropria de um sistema topográfico e do mesmo modo o realiza, fazendo com que a cidade fale metaforicamente através das ruas, edifícios, monumentos e estabelecimentos. Na tessitura da narrativa histórica, os remanescentes materializados através das edificações, marcaram as cidades com as características de cada época e de cada grupo social. Esta narrativa se dá devido ao olhar e à abordagem que garante significado a esses espaços. Portanto, a

conservação das várias cidades existentes no contexto de uma única urbe é fundamental para a valorização da memória e da identidade, fomentando a sensação de pertencimento aos citadinos.

Em pesquisa anterior (CORDEIRO, 2012), foi desenvolvida uma discussão a cerca das dinâmicas urbanas que culminaram na degradação física e social do bairro da Ribeira, localizado na cidade do Natal – RN. Para melhor compreensão do fenômeno, a trajetória do espaço foi dividida em três etapas que compreendem: de 1920 a 1930 a modernização do espaço; de 1930 a 1950 o período de transição e de 1950 a 1960 a cristalização do processo de decadência.

Assim sendo, o bairro da Ribeira passou por diversas rupturas e, em decorrência destas, as funções desse espaço se transformaram para sempre, fazendo com que ele deixasse de existir como centro comercial, econômico e social da capital potiguar. Hoje, apesar de ser considerado um espaço decadente, tanto no sentido econômico quanto no social, ele continua a existir no contexto urbano e histórico da Cidade de Natal.

Para orientar esta pesquisa, parte-se da premissa de que o espaço é praticado, conforme explica Certeau (2003). Por esta definição, as práticas são construtoras da materialidade física e da configuração simbólica das cidades, são incentivadas pelo desejo. Segundo Deleuze e Guattari (2004), o desejo é responsável por qualquer feito humano. Assim sendo, entende-se que a prática urbana é realizada através do desejo, que, por sua vez, tem na representação social da cidade, enfatizada por Chartier (2002), um incentivador ou inibidor desse desejo de ação. Essa representação pode ser percebida nos discursos que compõe o imaginário urbano e pode influenciar, mesmo que indiretamente, na configuração do bairro. O que revela um encadeamento de processos interligados que atuam na atual conformação urbana.

O universo desta pesquisa delimitou-se nos relatos jornalísticos que abordam o bairro da Ribeira no século XXI. Para tanto, foram selecionadas reportagens dos jornais: Tribuna do Norte, Diário de Natal e Novo Jornal, a fim de discutir a difícil relação existente entre a cidade do passado e a cidade do tempo presente, reconhecendo que hoje, ambas, participam de um mesmo contexto urbano. Assim sendo, o estudo da atual cidade do Natal, partindo da representação do bairro da Ribeira no século XXI, caracteriza este artigo como uma abordagem da história cultural do tempo presente.

Objetiva-se então, identificar uma das possíveis razões capazes de justificar a falta de desejo social em praticar o bairro histórico de Natal. A fim de verificar se a

Ribeira participa da concepção dos *lugares malditos,* fornecida por Pesavento (1999). A representação do bairro, neste caso a difundida pela mídia impressa, pode explicar a falta de desejo referente às práticas urbanas. Devido ao fato se tratar de um espaço que é circundado pelos bairros mais valorizados da capital potiguar. Essa abordagem pode possibilitar, em parte, o entendimento do fracasso, ou, da não continuidade das iniciativas voltadas para a requalificação do centro histórico natalense.

Um pouco do bairro da Ribeira

Em decorrência das várias dinâmicas urbanas processadas na cidade do Natal, foi observado que o bairro da Ribeira perdeu suas funções sociais e econômicas, deixando de existir como o prestigiado centro urbano do início do século XX. O que culminou nos processos de segregação social e degradação do ambiente construído. Este processo se deu, de acordo com Barthes, devido à existência de "um conflito permanente entre as necessidades funcionais exigidas pela vida moderna, a ocupação obsoleta dos espaços e a carga semântica que lhe é comunicada pela história" (BARTHES, 1985, p. 183). Desta forma, tem início a crise espacial entre as esferas do significante e da razão.

Por sua antiguidade, o bairro possui edificações de vários estilos arquitetônicos, que remontam épocas distintas, contendo edificações coloniais, ecléticas e protomodernistas. Essas construções atuam como *marcos urbanos*, uma vez que apresentam características arquitetônicas que marcaram a história potiguar, destacando também os importantes usos que outrora foram atribuídos a estes espaços.

Na obra "*O corpo e a alma da cidade:* Natal entre 1900 e 1930", os historiadores Raimundo Arrais, Alenuska Andrade e Márcia Marinho - discorrem sobre o processo de modernização da capital potiguar, bem como enaltecem o desejo da elite local em dotar o espaço com os referenciais do progresso então em voga. Nesse momento histórico, o bairro da Ribeira foi um dos principais, senão, o principal beneficiado pela onda de modernização da cidade. Entretanto, a respeito da continuidade histórica dos espaços edificados pelo desejo de modernidade, os autores afirmam que "Muitas dessas formas, testemunhas dos desejos das elites locais de eternizar-se, chegaram até nós amareladas, danificadas pelo tempo, fragmentadas, corroídas" (ARRAIS, ANDRADE E MARINHO, 2008, p. 181). O que indica a fragilidade dos desejos e das práticas sociais no âmbito das conformações urbanas.

A partir de então, propõe-se aqui um estudo da Representação do bairro da Ribeira, no momento atual, bem como sua influência na conservação (ou não) deste espaço, testemunha do passado. Por sua história, apesar do estado de ruínas em que se encontra, o bairro participa do conjunto de representações que formam a imagem de cidade do Natal.

No bairro da Ribeira foram realizados, ou, simplesmente pensados[1], diversos planos que propenderam reverter os processos de segregação social e de degradação do espaço. Essas iniciativas visam adaptar os edifícios e logradouros aos novos usos, para assim, tentar revalorizar o solo urbano. O que corresponde a indícios do desejo coletivo de conservar a arquitetura do passado, como também de trazer o antigo centro de volta à vida.

A primeira tentativa de requalificação do bairro ocorreu ainda em 1963. Djalma Maranhão, então prefeito da cidade de Natal, decide construir um terminal rodoviário no bairro, na tentativa de incentivar os fluxos sociais. Contudo, nas palavras do memorialista José Alexandre Garcia, "Nem a nova Estação Rodoviária de Passageiros que o grande prefeito Djalma Maranhão construíra para revitalizar a Ribeira, salvou o bairro da sua caminhada para o ostracismo" (GARCIA, 1989, p. 45). Em 1985, o Prefeito Marcos Formiga, restaurou a Praça Augusto Severo.

Seguindo a tendência nacional de revitalização dos centros históricos, o Prefeito Aldo Tinoco Filho, apoiado pela EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo), pelo Ministério da Cultura e pela iniciativa privada, na tentativa de implantar em 1994 um projeto de revitalização da Ribeira. No entanto, este não fora realizado na íntegra, tão-só algumas fachadas da Rua Chile foram reformadas. Em 2007, o prefeito Carlos Eduardo Alves sancionou a Lei Complementar nº 00079/07, a referida Lei pretende "incentivar a recuperação e preservação do patrimônio histórico, artístico, arquitetônico e ambiental urbano", foram concedidos também benefícios fiscais para fomentar os investimentos no bairro.

A Ribeira também está incluída no plano de ação do IPHAN-NATAL/RN, este realizou no ano de 2009, diversas oficinas participativas. Este plano abarca: o fomento cultural; o turismo; infraestrutura; o uso habitacional. Outro projeto, que visa incentivar o uso habitacional no bairro da Ribeira, é o ReHabitar, realizado pela SEMURB (Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo) em parceria com a

[1] Mesmo antes de o bairro ser formalmente tombado pelo IPHAN-RN em 2014.

Caixa Econômica Federal e com o Governo Francês. Nas diretrizes desse projeto fica claro que:

> Atualmente, o Sítio Histórico de Natal apresenta uma tendência ao declínio de suas estruturas sociais, econômicas, culturais, ambiente construído e outras. Os inúmeros imóveis desocupados ou subutilizados presumem um desequilíbrio urbano e, assim, a necessidade de elaboração de políticas de combate a esse desequilíbrio, considerando a reutilização de tais imóveis priorizando o uso habitacional (REHABITAR, 2007, p. 12).

As ações acima relacionadas têm como objetivo comum tentar amenizar o desequilíbrio urbano que acometeu o bairro da Ribeira. Contudo, nenhuma dessas ações apresentou resultados significativos ou duradouros.

No bairro da Ribeira ainda persistem problemas comuns das áreas centrais degradadas, tais como: insegurança; perda da função residencial; segregação social; subutilização ou abandono da infraestrutura construída; deterioração de edifícios de valor histórico; dentre outros.

A representação simbólica e o desejo de praticar o espaço urbano

Esta pesquisa insere-se no contexto da história cultural, uma vez que busca identificar a construção de uma determinada realidade social, neste caso, a realidade que envolve o bairro da Ribeira no século XXI. Como, também, participa da História do Tempo Presente. Ao refletir sobre a importância desta temática, em sua *Visão do historiador modernista*, Roger Chartier diz que "[...] a história do tempo presente, em seus momentos culminantes, propicia uma reflexão essencial sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos que têm uma mesma formação ou configuração social" (CHARTIER, 2006, p. 217). Para tanto, o autor destaca que, nesta modalidade de pesquisa histórica, a relação do pesquisador com o seu objeto é diferenciada, o que se deve ao fato dele está inserido na dimensão significante que pretende estudar. O que o torna capaz de superar a descontinuidade temporal enfrentada pelos demais historiadores.

A partir daí, procurar-se-á depreender a complexidade imbricada nas representações que consolidam o bairro da Ribeira como espaço segregado socialmente e degradado fisicamente. Será então elaborada uma, das possíveis leituras da representação social do bairro, em consonância com o pensamento do historiador Roger Chartier (2002). Para o autor:

> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre

> determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 2002, p. 17).

Deste modo, as representações compreendem a percepção do social através das continuidades e cristalizações presentes na sociedade. Para pesquisar uma representação faz-se necessário entender que os discursos produzidos socialmente, em um determinado momento, revelam em suas nuances as estratégias e as práticas que legitimam ou justificam as relações sociais nela estabelecidas. Ao situar as representações sociais deste modo, Chartier entende a representação como único instrumento teórico-metodológico com a capacidade de revelar a internalização simbólica das relações de poder e dominação no âmbito social.

> As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17-18).

Nesse sentido, conforme expresso por Chartier, o discurso reflete as práticas e sua apropriação remete à forma como o texto é interpretado socialmente, a apropriação de um determinado discurso incide diretamente na representação do que ele trata. Assim, a partir da análise dos discursos produzidos pela imprensa potiguar sobre o bairro da Ribeira, aqui representada pelos jornais: Tribuna do Norte, Diário de Natal e Novo Jornal, será empreendida uma reflexão sobre a maneira com a qual este espaço é representado no contexto da sociedade natalense. Bem como o modo com o qual a apropriação destes discursos reflete no desejo de praticar o bairro e na forma que ele é percebido.

Na leitura da tessitura urbana é relevante entender que, segundo Lefebvre, "A estrutura social está presente na cidade, é aí que ela se torna sensível, é ai que significa uma ordem. Inversamente, a cidade é um pedaço do conjunto social; revela porque as contém e as incorpora na matéria sensível, as instituições, as ideologias" (LEFEBVRE, 2001, p. 60). De modo que nas relações multifacetadas presentes no urbano, o fator simbólico é construtor do todo e é incorporado nas práticas estruturantes da forma e da função.

De acordo Certeau "[...] o espaço é um lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (CERTEAU, 2003, p. 202). Desta maneira a estrutura física do espaço

urbano nada mais é que a materialização das práticas individuais e ao mesmo tempo coletivas. É relevante entender que existe na cidade duas modalidades de prática, sendo: um modo coletivo de gestão dos espaços e um modo individual de reapropriação dos mesmos. Por conseguinte, as iniciativas de intervenção espacial refletem os procedimentos sociais (coletivos e individuais) que as organizam.

Sobre a importância das práticas espaciais, basta-se lembrar dos imóveis da Ribeira, que em um momento anterior foram muito valorizados, e, com o passar do tempo foram sublocados, o que favoreceu a ocupação destes por habitantes das classes sociais de menor poder aquisitivo. Este novo perfil de habitantes, impossibilitados de manter esses espaços, acabaram abandonando-os. A pesquisa dos Arquitetos TINOCO; BENTES SOBRINHA; TRIGUEIRO, revela que atualmente "Foram identificados 175 imóveis (edificações/lotes) que se encontravam vazios ou parcialmente vazios, alguns apresentando aspectos formais que remetem a épocas passadas, contribuindo para reforçar a identidade do lugar" (TINÔCO, BENTES SOBRINHA E TRIGUEIRO, 2008, p. 153). Certeau (2003) esclarece que as cidades se deterioram ao mesmo tempo em que os procedimentos responsáveis pela sua organização tornam-se obsoletos. O que nos deixa uma herança de ruínas.

Para realização de intervenções eficazes no espaço da cidade é necessário que haja o desejo social de praticar o espaço. Para Deleuze e Guattari, o desejo é o responsável pela realização de todo e qualquer feito humano, uma vez que "Se o desejo produz, produz real. Se o desejo é produtor, só o pode ser a realidade e da realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção" (DELEUZE E GUATTARI, 2004, p. 31). De modo que, para os autores, o território é resultante do fluxo de agenciamentos relativos ao *socius,* é a partir do desejo que se iniciam as práticas e no caso desta pesquisa, as práticas urbanas*.*

O desejo, ou melhor, a falta dele, será considerado como o principal responsável pelo atual estado de abandono do bairro histórico de Natal. Entende-se ainda que a falta do desejo de praticar o espaço é resultante da representação socialmente difundida do bairro da Ribeira no imaginário natalense. A partir deste processo, o desejo se liga a cidade, construindo-a e desconstruindo-a, evidenciando assim as duas faces de um mesmo processo coletivo e inconsciente, do qual todos os citadinos fazem parte.

A cidade é representação, é objeto de percepção de seus habitantes. Ao abordar o desejo como indutor das práticas urbanas, observa-se, por antecipação,

que a representação é indutora do desejo. Portanto, os elementos móveis da cidade, ou seja, a sociedade que a compõe e suas práticas são tão importantes quanto o ambiente construído. Então, a representação da cidade, ou no caso desta pesquisa, de uma parte dela, está repleta de memórias e significações. Para Lynch, "A criação da imagem ambiental é um progresso duplo entre observador e observado. Aquilo que se vê é baseado na forma exterior, mas a forma como isso se interpreta e organiza e como se dirige a atenção afeta, por sua vez, o que é visto" (LYNCH, 1997, p. 144). Como um dos primeiros estudiosos da semântica urbana, o autor concebe a cidade estritamente como uma consciência perceptível, isto é, identificar a imagem que se forma a partir dos leitores da cidade, da forma como esta é representada e apropriada.

Nesta relação multifacetada entre a imagem que se tem de um determinado espaço e sua elaboração por parte da sociedade se dá, de acordo com Barthes (1985), através da produção do discurso que atribui sentido e, por conseguinte, constitui o signo no imaginário urbano. Metaforicamente a cidade é o próprio discurso, discurso sujeito a inúmeras percepções e leituras. Portanto, mesmo as ruinas abandonadas dos antigos colégios, casarões e comércios, atuam na representação simbólica da cidade do Natal no tempo presente. Ao pesquisar a consolidação da ideia de Patrimônio na Inglaterra do século XIX, a historiadora Cristina Meneguello esclarece que:

> A ruína é, em si, um modo de conhecer o passado. A percepção das relíquias, aparentemente, é tornada mais simples pela clara diferença entre as ruínas e o mundo atual, entre seus materiais e modos de representação tão diversos e tão ambicionados pelos atuais. As ruínas habitam simultaneamente dois tempos, o ocorrido e o presente (MENEGUELLO, 2000, p. 92).

Destarte, as ruínas do bairro da Ribeira participam da representação da sociedade contemporânea, o que as torna parte indissociável da cidade em sua continuidade histórica. Esses remanescentes do passado transmitem suas histórias através da sua materialidade, bem como das percepções desta materialidade produzidas pela sociedade, a exemplo dos discursos que os circundam de fatos e acontecimentos que marcaram/marcam efetivamente o meio ambiente físico e simbólico da cidade. Entretanto, entender que estas formas do passado continuam a fazer parte das relações humanas no tempo presente é de suma importância para a realização desta pesquisa que tematiza a representação da cidade do passado na cidade contemporânea, em busca de compreender a falta de desejo no que tange a revitalização do centro histórico.

Torna-se imperativo perceber que o Patrimônio não é apenas um simples fator ambiental ou estético, mas perceber que a história e a cidade participam de um mesmo tempo, contínuo, onde poderosas forças atuam através das dinâmicas sociais que transmutam as nossas cidades em palimpsestos. Conforme Meneguello "Apenas o exercício do passado reconhecido como construção pode, efetivamente, levar a uma definição complexa de patrimônio e devolver à história e ao trabalho com o passado a força motriz que ele não deixou de ter" (MENEGUELLO, 2000, p. 341). Mormente, buscar-se-á empreender a representação do velho bairro da Ribeira, a partir do estudo dos discursos que o abordam no século XXI. Com o entendimento de que estas fontes foram produzidas a partir de um desejo, seja ele provocado pela inquietude gerada com desequilíbrio urbano ou pelo sentimento de perda de um passado que ficou para trás.

A cidade escrita: a análise do discurso

> *Essa cidade que não se elimina da cabeça*
> *é como uma armadura ou um retículo em cujos*
> *espaços cada um pode colocar as coisas que deseja*
> *recordar: nomes de homens ilustres, virtudes, números,*
> *classificações vegetais e minerais, datas de batalhas,*
> *constelações, partes do discurso (CALVINO, 2009, p. 19).*

O estudo da representação de um tecido urbano depende da forma como este é descrito, para tanto, as fontes jornalísticas são importantes para a compreensão do espaço através do discurso produzido sobre ele. Para Chartier "A problemática do mundo como representação, moldado através das series de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos que dão a ver e a pensar o real" (2002, p. 23-24). Para o autor o discurso é historicamente produtor de sentido e construtor de significação, sua apropriação pode fazer o leitor reconfigurar a própria experiência, revelando assim a influência do discurso na conformação simbólica também dos espaços.

> No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo (CHARTIER, 2002, p. 24).

No entanto, a apropriação do discurso não se dá de modo passivo, mas sim, é considerada a forma que este atua na construção das representações do real, no caso desta pesquisa, do bairro da Ribeira no século XXI. Bourdieu (1982, p. 14) entende que o valor do discurso depende da capacidade de difusão do emissor, classificando a enunciação a partir da *capacidade de produção e da capacidade de apropriação e apreciação.* Deste modo, não apenas é capaz de dar sentido ao real, como também, através da apropriação, pode transformar o sentido anterior revelando a mutabilidade dos espaços em seu processo de construção social.

O discurso pode auferir diversas representações da cidade que, por sua vez, compreendem a percepção simbólica. Ao aliar o discurso à representação do espaço urbano, Argan entende que a cidade atua "Como representação e comunicação visual de conteúdos histórico-ideológicos, a cidade também é discurso, oratória, retórica" (ARGAN, 2005, P. 108). Destarte, o discurso participa da percepção do espaço enquanto representação da visualidade e da percepção do meio. No caso do bairro da Ribeira é perceptível que, no âmbito jornalístico atual, existe uma dicotomia em sua abordagem. Onde a euforia do redescobrimento histórico se confunde com o desanimo causado pela irreversibilidade do quadro de abandono em que se encontra o espaço. No trecho:

> A cultura corre mais rápido na Ribeira. Se o capital das imobiliárias constrói arranha-céus em terrenos históricos da cidade, alguns bares, pubs e centros culturais revitalizam o bairro reconstruindo o gosto pela boa música e história da chamada Ribeira Velha de Guerra. Velha, cansada da Guerra que chacoalhou a cidade e transformou o bairro em quartin de pracinhas americanos sedentos pelas putas da cidade. Os bordeis glamourosos viraram ruínas, lojas, oficinas. As paredes emboloradas envelhecem junto aos cupins que devoram a história de velhos casarios abandonados. Na contramão das intempéries do tempo e do poder público, empreendedores idealistas reconstroem o bairro. (VILAR, Sérgio. *Ribeira retoma caminho da ascensão.* Diário de Natal, 20 de março de 2011)

Na citação acima, é clara a euforia em relação aos avanços, ou as iniciativas que se pretendem no espaço. Apesar de identificar alguns, dos graves problemas no sítio urbano, o olhar sobre o espaço é otimista. Trata da busca pela inovação urbana, sob o prisma da cultura e da boemia. Trata-se também da presença cada vez mais constante das novas construções em detrimento da ruína de alguns prédios históricos. O próprio título da matéria é bem sugestivo: "Ribeira retoma o caminho da ascensão". Entretanto, no mesmo ano, passados apenas aproximadamente sete meses, no mesmo jornal, lia-se:

> "Ribeira viva, nossa Ribeira!", dizia o jingle publicitário da prefeitura do Natal em 2008. Era o anúncio da reforma da Praça Augusto Severo, coração cultural da capital. Três anos (e uma nova gestão) depois, a Ribeira parece estar morrendo. Não a força de suas manifestações culturais, mas sim no quesito cuidado com o patrimônio público e visual. Sobram vírgulas para descrever a quantidade de problemas que a reportagem do Diário de Natal encontrou ao dar uma volta no local. (SANTOS, Sérgio Henrique. *A velha Ribeira ao Deus dará.* Diário de Natal, 14 de outubro de 2011)

Neste segundo trecho, evidenciam-se os problemas do espaço, bem como a descontinuidade das iniciativas públicas e privadas voltadas para a conservação do bairro. Neste artigo, cuja denominação "A velha Ribeira a Deus dará" demonstra o conteúdo pessimista em relação ao bairro. Esta realidade igualmente foi exposta pelo jornalista Carlos Magno Araújo, do Novo Jornal, quando afirmou que:

> O maior clichê cultural e imobiliário de Natal é a revitalização da Ribeira. Quem conhece, sonha em ver aquela enorme quantidade de prédios reformada para dar vida à região. Natal talvez seja a capital do Nordeste que menos sabe lidar com a riqueza histórica de que dispõe. (ARAÚJO, Carlos Magno. *Ribeira, o clichê!*. Novo Jornal, 03 de agosto de 2014)

É aparente que, em decorrência dos vários projetos não consolidados, a revitalização da Ribeira torna-se, a cada dia, mais desacreditada e menos desejada. A situação atual dos edifícios de valor patrimonial é descrita no jornal Tribuna do Norte, nas palavras do repórter Anderson Santos:

> São diversos os prédios antigos da Ribeira, mas muitos estão abandonados e desabando pela ação do tempo. Alguns servem de moradia para sem tetos e usuários de drogas. Na esquina da travessa Venezuela com a rua Chile, metade da estrutura de um grande prédio antigo veio abaixo. Um desabamento que levou uma parte da história da cidade. Muitos outros prédios seguem no mesmo caminho por falta de conservação. Em várias ruas, o que se vê são fachadas de diversos prédios antigos deterioradas, representando um risco de desabamento, como ocorre na rua Dr. Barata. (SANTOS, Anderson. *Prédios em ruínas e lixo nas ruas.* Tribuna do Norte, 04 de dezembro de 2014)

A importância histórica do bairro e a necessidade da sua conservação é uma constante nos discursos a cerca do tema, contudo, estes possuem mais um caráter de denúncia do abandono em que se encontra o sítio histórico. O discurso difundido pela mídia potiguar atua na consolidação da imagem negativa do referido espaço no imaginário urbano. "Contudo, a cidade é o resultado de uma obra mais ampla: ela é o produto dos gestos, de escritas, de sonhos e das imagens que seus moradores produzem no dia a dia das paixões..." (ARRAIS; ANDRADE E MARINHO, 2008, P. 65)

Os lugares malditos e a falta de desejo em praticálos

A análise das fontes jornalísticas incita uma reflexão sobre a fragilidade do desejo e as dificuldades referentes à conservação do Patrimônio Histórico natalense (enquanto representação), bem como a dicotomia existente em relação à imagem do bairro. Porém, nos discursos selecionados, os problemas existentes no bairro foram abordados, o que incentiva uma discursão acerca do modo que é visto o bairro da Ribeira pelo sujeito coletivo que compõe a cidade do Natal. Para Pesavento:

> Tais registros de linguagem são, por vezes, portadores de uma significação depreciativa explícita, denunciando a discriminação de forma extremamente clara. Por vezes, a palavra acusa uma oposição de sentidos, que se revela irônica e mordaz, ou ainda opera por um jogo de transferência de vocabulários de uma situação em que o conteúdo do estigma se associa a um nome e passa a circular no vocabulário urbano, numa persistência do estigma mesmo após a eliminação dos usos e/ou atores que emprestaram a designação pejorativa àqueles espaços (PESAVENTO, 1999, p. 196).

Na percepção dos *lugares malditos* é possível entender a carga simbólica imbricada no processo indutor das práticas sociais. Para a autora o estigma presente nos discursos e materializado no espaço urbano está enraizado no contexto simbólico da cidade, o que dificulta a reconfiguração não apenas física como, também, ideológica. Este estigma gera uma imagem negativa que influencia, concomitantemente, nas práticas sociais nele "não" realizadas. O discurso é formador da representação, por conseguinte, a representação influencia no desejo de praticar o espaço. O discurso se difunde e se legitima devido à incorporação da percepção social no contexto urbano de um determinado ponto da cidade, auferindo-lhe sentido.

A partir da análise dos discursos presentes no Diário de Natal, no Novo Jornal e na Tribuna do Norte, buscou-se estudar a representação do bairro da Ribeira no século XXI e compreender como esta representação relaciona-se com a falta de desejo, por parte da sociedade, em praticar o espaço que outrora foi valorizado. É importante ressaltar que os trechos estudados são apenas exemplos, como estes, existem outros similares na abordagem do tema, que são abundantes em toda a mídia potiguar. O que gera a cristalização desta estigmatização do bairro da Ribeira no contexto urbano natalense.

Mediante os fatos, com relação à presença da cidade do passado que permanece na cidade contemporânea, Argan argumenta que "Cada coisa, por sua evidência palmar e por sua antiguidade, por ser, ao mesmo tempo, ao real e algo que não existe, adquire um peso quase intolerável" (2005, p. 25). Este peso citado pelo

autor é perceptível através da imagem da cidade. Afinal, a capital potiguar é uma cidade com mais de 400 anos, contudo, em seu espaço urbano, poucas são as construções remanescentes do passado.

Considerações finais: a cidade sempre nova

Este artigo insere-se na delimitação dos fenômenos que contribuem para a falta de desejo no que tange à conservação do Patrimônio Histórico enquanto representação da cidade do Natal. A partir da análise dos discursos, vislumbrou-se identificar de que modo o bairro da Ribeira é mencionado nas fontes produzidas pela consciência coletiva da capital potiguar. Para Pesavento "Na maior parte das vezes, estas palavras da cotidianeidade, que nos chegam pelos jornais, crônicas, romances e memórias, são endossadas pelos documentos oficiais da municipalidade, após a constatação do seu uso pelos moradores" (1999, p. 198). Nesse sentido, a difusão do discurso relaciona-se diretamente com a Representação da cidade, considerando-se não apenas a cidade como uma coisa em si, mas, o modo como a sociedade percebe e se apropria dos espaços.

Nos discursos abordados foi observado que o bairro da Ribeira aparece como espaço marginalizado, abandonado e degradado, apesar do reconhecimento de seu valor histórico ser uma constante. Estes textos atribuem uma percepção negativa ao bairro da Ribeira e, por conseguinte, contribuem para a estigmatização do espaço, apesar do seu caráter de denúncia do descaso e de defesa da história urbana. Enfim, a representação negativa interfere no desejo social de praticar o bairro, mas, é importante deixar claro que o discurso não vem a ser o causador do abandono da Ribeira, este foi um processo complexo e de longa duração. O discurso analisado é considerado aqui como um dos fatores construtivos da representação social do bairro da Ribeira e, como tal, atua na percepção social, como também nas práticas espaciais de maneira coadjuvante.

Em 1949, o historiador oficial da cidade do Natal, Câmara Cascudo, ao escrever a crônica "Natal, cidade sempre nova", afirmou que a cidade não teve compromisso com a conservação da sua arquitetura ao longo da história. Deste modo, Cascudo ressalta que "Cada século fazia uma cidade nova. Atualmente não existe em toda a cidade uma só casa que date do século XVIII. Todas são posteriores a 1800. Excetuam-se as Igrejas, naturalmente…" (*Diário de Natal*, 10 de junho de 1949). No *continuum* do desenvolvimento de Natal, as rupturas relacionadas à forma urbana foram vorazes, no mesmo texto, Cascudo exalta a consequência deste processo

afirmando que: "A curiosidade maior é que a cidade sem problemas grandes foi alijando também suas belezas, afastando-as dos olhos dos natalenses atuais" (*Diário de Natal*, 10 de junho de 1949).

Neste ambiente, predisposto historicamente às rupturas, até o "moderno" bairro da Ribeira, marco do início do recém passado século XX, sofreu e tem sofrido as consequências deste modo natalense de construir e desconstruir a cidade. Negando, as futuras gerações, o que Lefebvre (2001) chamará de "direito à cidade".[2] O *direito à cidade* não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de regresso às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como *direito à vida urbana*, transformada, renovada. O direito à cidade manifesta-se como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitá-la e a morar. O direito *à obra* (à atividade participante) e o direito à *apropriação* (bem distinto do direito à propriedade) estão implícitos no direito à cidade.

Referências

ARAÚJO, Carlos Magno (2014). Ribeira, o clichê! **Novo Jornal**, 03 de agosto.

ARGAN, Giulio Carlo (2005). **História da Arte como História da Cidade***.* São Paulo: Martins Editora.

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia (2008). **O corpo e a alma da cidade:** Natal entre 1900 e 1930. Natal: EDUFRN.

BARTHES, Roland (1985). **A aventura semiológica***.* Lisboa: Edições 70.

BOURDIEU, Pierre (1982). **Ce qui parler veut dire**. Paris: Fayard.

CALVINO, Ítalo (2009). **As cidades invisíveis***.* São Paulo: Companhia das Letras.

CASCUDO, Luís da Câmara (1949). Natal, cidade sempre nova*.* **Diário de Natal**, 10 de junho.

CERTEAU, Michel de (2003*).* **A invenção do cotidiano I.** Artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes.

CHARTIER, Roger (2002). **História Cultural** – Entre práticas e representações. Lisboa: Difel.

CORDEIRO, Anna Gabriella de S (2012). **O BAIRRO DA RIBEIRA COMO UM PALIMPSESTO***:* dinâmicas urbanas na Cidade de Natal (1920-1960). Sob a orientação do Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho. Universidade Federal do Rio

Grande do Norte – UFRN. Programa de Pós-graduação em História e Espaços – PPGH. Natal.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (2004). **O Anti-Édipo**: Capitalismo e Esquizofrenia *1.* Lisboa: Assírio e Alvin.

GARCIA, José Alexandre (1989). **Acontecências e tipos da Confeitaria Delícia**. Natal: Clima,.

LEFEBVRE, Henry (2001). **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro.

LYNCH, Kevin (1997). **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes.

MENEGUELLO, Cristina (2000). **Da ruína ao edifício**: Neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana. Tese de Doutorado sob a orientação do Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (1999). **Lugares Malditos:** a cidade do "outro" no sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 19, n. 37.

PROJETO REHABITAR (2007). Natal: SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

SANTOS, Anderson (2014). **Prédios em ruínas e lixo nas ruas.** Tribuna do Norte, 04 de dezembro.

SANTOS, Sérgio Henrique (2011). A velha Ribeira ao Deus dará. **Diário de Natal**, 14 de outubro.

TINOCO, Marcelo B. M.; BENTES SOBRINHA, Maria Dulce P.; TRIGUEIRO, Edja B. F. (Organizadores) (2008) **Ribeira**: Plano de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais. Natal: EDUFRN.

VILAR, Sérgio (2011). Ribeira retoma caminho da ascensão. **Diário de Natal**, 20 de março.